

JOSÉ SARMAÇO: A ESCRITA INFINITA

Organização e prefácio
Carlos Nogueira

Textos

ÁLVARO DOMINGUES, ANA CLÁUDIA C. HENRIQUES,
BÁRBARA NATÁLIA LAGES LOBO, DIEGO J. GONZÁLEZ MARTÍN,
FABRIZIO UECI, FERNANDO VENÂNCIO, FILIPE REBLIN,
JOSÉ EDUARDO REIS, JOSÉ VIEIRA, LUIZ HUMBERTO MARCOS,
MANUEL FRIAS MARTINS, MARIA DA LUZ LIMA SALES,
MARIA DE LOURDES PEREIRA, MARIA IRENE DA FONSECA E SÁ,
MARIA LEONOR CASTRO, MIGUEL ALBERTO KOLEFF, MIGUEL REAL,
MÓNICA FIGUEIREDO, PAULO RAFAEL BEZERRA CARDOSO,
RAQUEL LOPES SABINO, RICARDO RATO RODRIGUES, VERA LOPES DA SILVA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXII

ÍNDICE

Prefácio. José Saramago: (re)escrever a vida CARLOS NOGUEIRA	11
<i>Ensaio sobre a Cegueira e Ensaio sobre a Lucidez:</i> estética e engajamento promovidos por José Saramago, leitor de Karl Marx VERA LOPES DA SILVA	17
José Saramago e a sua crítica à democracia: o problema do Mercado como modelo de governança FABRIZIO UECHI	41
José Saramago y la problemática de la pandemia: desde la «epidemia de ceguera» a las «intermitencias de la muerte» MIGUEL ALBERTO KOLEFF	61
A irracionalidade do mundo e a presença de cães nos romances de Saramago MARIA IRENE DA FONSECA E SÁ	83
Globalisation, literature and an Iberian “Stone Raft” MANUEL FRIAS MARTINS	105
<i>O Ano da Morte de Ricardo Reis:</i> o labirinto que Saramago construiu para Ricardo Reis FILIPE REBLIN	119

© 2022, Autores
e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152, E. 10
1750-149 Lisboa
21 726 90 28 | info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

TÍTULO: *José Saramago: A escrita infinita*
AUTORES: AAVV
ORGANIZAÇÃO E PREFÁCIO: Carlos Nogueira
CAPA: Tinta-da-china (V. Tavares)
COMPOSIÇÃO: Tinta-da-china (P. Serpa)
REVISÃO: Tinta-da-china

1.ª edição: fevereiro de 2022

ISBN 978-989-671-659-2
Depósito Legal n.º 494042/22

O ser e a existência n' <i>O Conto da Ilha Desconhecida</i> MARIA DA LUZ LIMA SALES e PAULO RAFAEL BEZERRA CARDOSO	139	El deber ciudadano en José Saramago: una reflexión a partir del discurso pronunciado durante el banquete de recepción del premio Nobel DIEGO J. GONZÁLEZ MARTÍN	283
José Saramago's <i>The tale of the Unknown Island</i> in the context of the insular literary imaginary JOSÉ EDUARDO REIS	155	Espaços multiplicados em <i>Todos os Nomes</i> ÁLVARO DOMINGUES	293
À procura da «Ilha Desconhecida»: cartografia do Homem MARIA LEONOR CASTRO	169	Subsídios para uma leitura de <i>Alabardas</i> MARIA DE LOURDES PEREIRA	321
Aprender a morrer... José Saramago e a escrita da finitude MONICA FIGUEIREDO	179	«Sem mapa nem roteiro»: a visão política de Saramago e o conceito de <i>negative capability</i> como base da sua representação narrativa RICARDO RATO RODRIGUES	335
Um <i>Elogio da Lentidão: A Viagem do Elefante</i> como metáfora da vida JOSÉ VIEIRA	199	José Saramago: o narrador oral (1980/1982) MIGUEL REAL	351
Homens no lugar das coisas: diálogos entre atualidade e <i>Objeto Quase</i> RAQUEL LOPES SABINO	221	O castelhano na ficção de José Saramago FERNANDO VENÂNCIO	365
<i>Democracia e Universidade:</i> aprendizagem cidadã por José Saramago BÁRBARA NATÁLIA LAGES LOBO	239	Textos de Saramago nos cortes da censura LUIZ HUMBERTO MARCOS	373
O grito de Cipriano Algor como história de emancipação: análise de <i>A Caverna</i> como recusa em aceitar a cópia imperfeita da vida ANA CLÁUDIA C. HENRIQUES	261	Nota biográfica	399

PREFÁCIO
JOSÉ SARAMAGO:
(RE)ESCREVER A VIDA

CARLOS NOGUEIRA

Cátedra José Saramago — Universidade de Vigo

Nos dias 18, 19 e 21 de dezembro de 2020, apesar do contexto de pandemia, realizou-se a V Conferência Internacional José Saramago da Universidade de Vigo, desta vez com sede no Museu Nacional da Imprensa, no Porto. Tratou-se de um encontro científico e cultural que congregou quase quatro dezenas de estudiosos de vários países e continentes. Leitores saramaguianos de diversas áreas do conhecimento trouxeram visões pessoais e inovadoras, abriram ainda mais perspectivas de leitura ou aprofundaram caminhos pelo interior de uma escrita que é infinita. Os 21 textos deste volume são cerca de metade das conferências e das comunicações apresentadas ao longo de uma jornada que não foi apenas ampla e dinâmica; teve a particularidade de aproximar especialistas de gerações muito distintas, com o que isso implica de enriquecimento mútuo, de disponibilização de conhecimento e de sinal sobre o futuro de um autor que é uma das grandes referências internacionais do nosso tempo.

Num ensaio notável escrito em 1963, «Humanidade e capacidade literária», George Steiner afirma: «O artista é a força incontrollável» (Steiner, 2006: 26). José Saramago, nome de escritor maior à escala universal, cabe inteiro nesta máxima. Também a leitura pode e deve ser uma energia indomável, um modo de ação,

sobretudo se no imaginário do leitor entrar uma figura como Saramago, que agiu como poucos contra a passividade e a indiferença, e falou, escreveu, envolveu-se. Não se contentou nunca, nem por um momento, com o espetáculo do mundo, nem se resignou a aceitar a mentira, a hipocrisia e a opressão. Saramago contrapôs à linguagem do poder uma linguagem que *significa* e, ao mesmo tempo, *é* (estou a seguir C. S. Lewis, no seu livro *An Experiment in Criticism*, de 1961): um *logos* (o que se diz) e um *poiema* (uma construção), uma *obra* que diz, mostra, lamenta, chora, e atrai, seduz, oferece prazer que arrebatava tanto quanto inquietava e transformava quem lê.

A arte literária de José Saramago gera experiências de deslumbramento: de fascinação tanto perante a linguagem e a construção de monumentos de palavras como pela «realidade» que cada texto saramaguiano, em si mesmo, é e evoca. Não há nesta escrita uma única linha que suscite uma leitura meramente recreativa, um consolo para o tédio da vida, um simples entretenimento para as escassas horas vagas ou uma ostentação de cultura. A literatura e o pensamento do autor de *Ensaio sobre a Cegueira* desassossegam e atraem pela largueza e pela profundidade da visão, que exhibe o mais concreto (a morte, a tortura, o sofrimento, a humilhação) e sonda o mais oculto (as múltiplas faces da natureza humana, os abismos, as misérias e as grandezas do coletivo e de cada um de nós).

José Saramago procurou a eternidade e a salvação para todos não numa suposta vida para além da morte, em que ele não acreditava, mas no dia a dia. Na escrita saramaguiana, as realidades que existem fora e para lá das palavras não são apagadas, mas o texto também não se reduz a uma direta e previsível transposição da realidade, nem a um código apenas decifrável por eleitos. Cada escrito saramaguiano constitui uma realidade completa, não um mero complemento do real. Dito de outro modo: o nosso mundo

tornou-se mais amplo com as personagens e os mundos ficcionais do autor de *Memorial do Convento*. A nossa realidade passou a incorporar a marca destas histórias, é povoada por «pessoas de livro» (Saramago, 2014: 273) como Blimunda Sete-Luas e Baltasar Sete-Sóis, Raimundo Silva e Maria Sara, Ouroana e Mogueime, cuja *presença* inspira o nosso demasiadas vezes mesquinho e cruel mundo de vivos. Muitos outros seres criados por José Saramago, humanos e não humanos, vivem hoje um pouco por todo o mundo, e não estão apenas nos livros. Saem do papel e passam a habitar-nos, com novas vidas, em formas não já de papel ou não apenas de papel (no cinema, no teatro, na ópera, em gravuras, em ilustrações, em pinturas, etc.).

Uma leitura do Índice permite apreender rapidamente os principais eixos deste livro, cujas 21 vozes autorais dialogam com as palavras, as ideias, as personagens e as situações criadas por um autor que nos deixou um número surpreendente de obras-primas na forma e no conteúdo, algumas delas breves ou muito curtas. Sobre *O Conto da Ilha Desconhecida* há, neste volume, não por acaso, três capítulos. Neles, que se ocupam de um texto (um conto ilustrado) que pode ser considerado menor relativamente a um romance como *Ensaio sobre a Cegueira*, temos a demonstração inequívoca de toda a capacidade literária saramaguiana e do assombro que esta escrita pode provocar em leitores com formações e interesses distintos. Esta narrativa é surpreendente pela brevidade formal e acuidade dos conteúdos, pela articulação entre o discurso mais comum e o mais poético, pelo modo como se conta uma história e se ouve a voz do autor-narrador. Sobre este conto escrevi já, noutra lugar: «O protagonista deste conto é o ser humano de qualquer tempo e de qualquer lugar que não se deixa abater pelos obstáculos, por mais insuperáveis que possam parecer, e persiste dia após

dia» (Nogueira, 2018: 218). Este homem não desistiu enquanto não lhe foi permitido ser recebido pelo rei, que se limitava a desencadear uma burocracia absurda e desumanizante e a manter, portanto, um estado de coisas kafkiano: «Então, o primeiro-secretário chamava o segundo-secretário, este chamava o terceiro, que mandava o primeiro-ajudante, que por sua vez mandava o segundo, e assim por aí fora até chegar à mulher da limpeza, a qual, não tendo ninguém em quem mandar, entreabria a porta das petições e perguntava pela frincha, Que é que tu queres» (Saramago, 2015: 5-7).

As personagens fortes de José Saramago equivalem-se, no essencial, ao «homem que foi bater à porta do rei» (Saramago, 2015: 5). *O Conto da Ilha Desconhecida* é, em larga medida, «a história de José Saramago, que, em 1997, a um ano de ser distinguido com o Prémio Nobel da Literatura, procurava (e haveria de continuar a procurar) a sua ilha desconhecida» (Nogueira, 2018: 218), sem determinismos e messianismos de qualquer espécie. Este conto apresenta-se-nos também como uma síntese perfeita de todo o pensamento, de toda a ação e de toda a escrita saramaguiana, que continua a interpelar-nos com uma profundidade e uma lucidez raras. A ilha é o lugar e o estado cuja procura move todos aqueles que se orientam por razões justas e elevadas e anseiam por uma realização humana e espiritual superior à mera acumulação egoísta de riquezas materiais. Esta narrativa atrai-nos não só pelo enredo original e realista, pelo encaideamento rápido das sequências, mas também pelas considerações pragmáticas e filosóficas às quais nenhum leitor fica indiferente, porque são inerentes à condição humana, tanto no que ela tem de instintivo como de adquirido pela civilização (pulsões, emoções e sentimentos como a amizade, o amor, a sexualidade, a sociabilidade, a curiosidade...). Este conto, em que a sátira, a ironia e o humor convivem com momentos de grande lirismo, põe-nos perante rea-

lidades sensíveis e concretas atravessadas pela complexidade da vida e das aspirações humanas mais sublimes (a realização individual na descoberta do desconhecido e na relação com o outro através do amor): «É estranho que tu, sendo homem do mar, me digas isso, que já não há ilhas desconhecidas, homem da terra sou eu, e não ignoro que todas as ilhas, mesmo as conhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcamos nelas» (Saramago, 2015: 35).

Detive-me um pouco nesta narrativa breve para evidenciar que este volume coletivo desenvolve uma tese tão divulgada quanto ainda não devidamente esclarecida: José Saramago não era otmista em relação à(s) natureza(s) humana(s) e ao devir da História, e a prová-lo temos tanto os seus depoimentos como a sua obra literária. Para Saramago, ao contrário do que preconizam tanto os marxistas-leninistas como os liberais e os neoliberais mais ortodoxos, algures no futuro não está necessariamente o bem: nem aquele bem que uns dizem decorrer das leis inflexíveis da História, nem aquele que outros afirmam resultar da Providência (da vontade de Deus) e/ou dos mercados sem regulação estatal e internacional. José Saramago nunca defendeu a existência de leis da História predeterminadas e imutáveis, nem se deixou seduzir pela vitória tantas vezes anunciada e definitiva do bem, nem por uma noção ingénua e fácil de utopia. Por isso é que procurou compreender e contrariar, até ao último dia da sua vida, a antiga e perversa relação entre a memória e o mal (injustiça, horror, violência, morte, sofrimento, tortura, genocídio, etc.): uma relação que tem sido de apagamento da memória e da sua substituição por uma memória falsa ou muito incompleta.

Os estudos disponíveis neste livro são a memória do encontro pessoal e (in)transmissível entre cada um dos autores e José Saramago, escritor tão comprometido com a política e a intervenção

pública como com a ética, a cultura e a literatura. Todos estes textos se abrem a outros diálogos que têm igualmente a sua génese no maravilhamento e no compromisso de cada leitor perante as palavras de um homem radicalmente implicado com a vida e a linguagem. Uma linguagem infinita que (re)escreve a vida e nos torna menos limitados.

OBRAS CITADAS

NOGUEIRA, Carlos. *Resposta a Italo Calvino. Clássicos da Literatura*. Porto: Livraria Lello, 2018.

SARAMAGO, José. *História do Cerco de Lisboa*. Porto: Porto Editora, 2014.

SARAMAGO, José. *O Conto da Ilha Desconhecida*. Ilustração de Fatinha Ramos. Porto: Porto Editora, 2015.

STEINER, George. *Lenguaje y Silencio. Ensayos sobre la Literatura, el Lenguaje y lo Inhumano*. 2.ª ed., completa y revisada. Traducción de Miguel Ultorio, Tomás Fernández Aúy y Beatriz Eguibar. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.

*ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA
E ENSAIO SOBRE A LUCIDEZ:
ESTÉTICA E ENGAJAMENTO
PROMOVIDOS POR JOSÉ SARAMAGO,
LEITOR DE KARL MARX*

VERA LOPES DA SILVA

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Centro de Estudos Portugueses — CESPUC — Brasil

José Saramago intitula *Da Estátua à Pedra* a conferência de encerramento do colóquio *Dialogo sulla Cultura Portoghese: Letteratura-Musica-Storia*, realizada na Universidade de Turim em 1998. Ele justifica o título ao expor o roteiro da escrita de suas obras, dispostas em dois segmentos. O primeiro, a estátua — «a superfície da pedra, o resultado de tirar pedra da pedra. Descrever a estátua, o rosto, o gesto, as roupagens, a figura, é descrever o exterior da pedra, e essa descrição, metaforicamente» (Saramago, 2013: 42) —, é o que se encontra nos romances até *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. O segundo, a pedra — «uma tentativa de entrar no interior da pedra, no mais profundo de nós mesmos, é uma tentativa de perguntarmos o quê e quem somos. E para quê» (Saramago, 2013: 43) —, se manifesta a partir da escrita de *Ensaio sobre a Cegueira*.

Ainda segundo Saramago, o roteiro se deu sem que ele nunca tivesse feito projetos. Ele afirma que, diferente de Balzac e Fernando Pessoa, nunca lhe passara «pela cabeça fazer essas ou outras apostas sobre o futuro» (Saramago, 2013: 30). Segue, listando as

obras em sua cronologia, expondo o *leitmotif* e a elaboração de cada uma, assegurando:

Quando terminei *O Evangelho* ainda não sabia que até então tinha andado a descrever estátuas. Tive de entender o novo mundo que se me apresentava ao abandonar a superfície da pedra e passar para o seu interior, e isso aconteceu com *Ensaio sobre a Cegueira*. Percebi, então, que alguma coisa tinha terminado na minha vida de escritor e que algo diferente estava a começar. (Saramago, 2013: 42)

Porém, sugestivamente, Saramago se contradiz, ao tratar sobre o caminho percorrido:

Penso que neste romance [*Todos os Nomes*] há um caminho em direção ao essencial, e aqui regresso outra vez à metáfora da estátua e da pedra. É como se definitivamente tivesse abandonado o *projeto de* descrever a estátua (que pôde resultar em bons livros, segundo dizem, quem sou eu para opinar em contrário...) e penetrar mais profundamente na pedra escura do ser do que até então tinha sido capaz. (Saramago, 2013: 48, grifo meu)

Seu discurso, então, provoca reflexões: é intrigante haver um caminho preconcebido, mesmo reconhecido durante seu percurso de execução, mesmo um tanto à revelia da consciência autoral, pois, embora negado, é entre ouvido.

Esse duplo e entrelaçado percurso torna-se ainda algo mais curioso porque Saramago, ao descrevê-lo *a posteriori*, deixa vislumbrar um método de trabalho, exposto em um movimento que vai da estátua — a superfície, o exterior da pedra — à pedra — o interior da pedra, onde a vida está dentro da vida. O campo semântico

em que ele instaura seu percurso deflagra um diálogo, a princípio improvável, com a área da ciência: anuncia-se um companheiro, aquele que legou à humanidade a concepção consistente de método de pesquisa, cujo ponto de partida é a «aparência fenomênica, imediata e empírica — por onde necessariamente se inicia o conhecimento, sendo essa aparência um nível da realidade e, portanto, algo importante e não descartável» (Netto, 2011:22), para se chegar à apreensão da essência, a estrutura e a dinâmica do objeto analisado. Trata-se do pensador alemão Karl Marx. O filósofo analisou a sociedade burguesa por meio de um método que parte de elementos aparentes e chega à essência, expondo a lógica do capital, sob a perspectiva do materialismo histórico. Demonstrou como se implicam o sujeito que pensa e o objeto pensado, um modo de ler que exclui qualquer neutralidade. Nossa premissa, então, é a de que os mapas percorridos por Marx e Saramago em muito os aproximam, na medida em que se emparelham os campos semânticos estátua/aparência e pedra/essência.

A percepção do encontro entre a voz saramaguiana e a voz marxiana instigou-me a tomá-lo como um objeto de pesquisa, uma investigação que está em curso¹, cujo objetivo é compreender a influência da ciência de Marx sobre a trajetória de Saramago como esteta. Parte do processo, este artigo faz um recorte das obras do autor português, tratando *Ensaio sobre a Cegueira* (1995) e *Ensaio sobre a Lucidez* (2004), partindo da premissa de que ambas ilustram o percurso de construção da obra saramaguiana como movimento gêmeo ao proposto pelo método do materialismo histórico

1 Grupo de pesquisa *Saramago, Leitor de Marx*, sob a coordenação de Vera Lopes, docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil. O grupo é ainda vinculado ao Centro de Estudos Portugueses da mesma universidade (CESPUC).

de Marx, embora não univitelino, pois este pertence à ciência, e aquele, à arte literária.

Entretanto, porque a questão estética vem sempre a se emparelhar com o pensamento de Marx, a premissa se amplia e passa a haver a interferência necessária de reflexões sobre a voz autoral, o sujeito problematizador, engajado no objeto de estudo. Seguindo a orientação, o sujeito saramaguiano não lida distanciadamente do objeto de reflexão que promove sua criação estética, mas, pelo contrário, é implicado a ele, o que obrigou a outro diálogo, desta vez com Mikhail Bakhtin. Os teóricos se entrecruzam para a composição de um modo de ler a arquitetura saramaguiana que elucida a presença orgânica de uma autoria comprometida, que faz questão de manifestar seu olhar ante o objeto sobre o qual discorre uma voz monológica que escreve para compreender.

Para apresentar evidências de que a configuração estética encadeada dos romances *Ensaio sobre a Cegueira* e *Ensaio sobre a Lucidez* está inscrita no método de Marx relativamente ao percurso da aparência à essência, orientada por uma voz monológica e engajada, este estudo se desenvolve em dois segmentos que terminam por se entrelaçar: a exposição do método marxista do materialismo histórico como instrumento estético saramaguiano; e a predominância do discurso monológico, conforme o pensamento de Mikhail Bakhtin (2006), na medida em que este fundamenta a posição engajada da voz autoral e sua relação intrínseca com o marxismo.

O MÉTODO MARXISTA DO MATERIALISMO HISTÓRICO COMO INSTRUMENTO ESTÉTICO SARAMAGUIANO

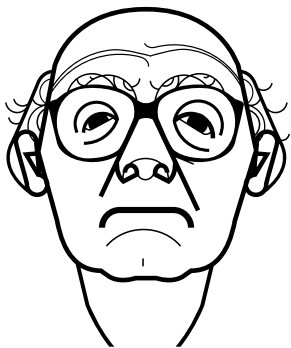
Karl Marx produziu sua tese tomando a sociedade burguesa como objeto de conhecimento, na sua existência real e efetiva, um sistema de relações construído pelos homens, «produto da ação recíproca dos homens» (Marx, 2009: 244). O cientista postou-se como um pesquisador e, independentemente de desejos ou representações, considerou a aparência fenomênica, empírica desse objeto, encaminhando-se para sua essência: a estrutura e a dinâmica dessa sociedade, em sua existência objetiva. Fez isso em um movimento de análise e síntese:

O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação. (Marx, 2009: 77)

Embora em afinidade com Marx, o método se manifesta distintamente nas criações de Saramago. Emoldurando os *Ensaio*s pela lógica do método proposto pelo Mouro, o escritor produz uma materialidade estética, havendo, portanto, esforço de acoplar exposição e conteúdo. A materialidade do esforço consiste na representação de conflitos oriundos das relações sociais emergentes da sociedade capitalista na contemporaneidade em *Ensaio sobre a Cegueira* e *Ensaio sobre a Lucidez*. As obras encenam o que Marx havia concluído como mecanismos de existência e manutenção do modo de produção capitalista, quais sejam, as crises, objeto de

NOTA BIOGRÁFICA

CARLOS NOGUEIRA (org.) é diretor científico da cátedra José Saramago da Universidade de Vigo. O seu trabalho docente e de investigação tem-se centrado especialmente nas relações entre a literatura, a filosofia, a política e o direito. Tem publicado livros de ensaio em editoras como a Fundação Calouste Gulbenkian, a Imprensa Nacional — Casa da Moeda, a Porto Editora, as Edições Europa-América, as Edições Lusitânia e a Livraria Lello. Recebeu o Prémio de Ensaio Jacinto do Prado Coelho, o Prémio de Internacionalização da Produção Científica da FCSH — Universidade Nova de Lisboa e o Prémio Montepio de Ensaio.



JOSÉ SARAMAGO: A ESCRITA INFINITA

foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso na Guide, Artes Gráficas,
em papel CoralBook de 80 g,
em janeiro de 2022.